



Redacção
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Director e Editor
P.º JOSÉ DA COSTA SARAIVA

Composição e impressão
GRÁFICA DE COIMBRA

A INAUGURAÇÃO

da Residência Paroquial de Figueiró dos Vinhos



O Senhor D. Ernesto Sena de Oliveira corta a fita simbólica

Não são para descrever em palavras frias de imprensa, mas para guardar em corações palpitantes e quentes, onde a vida é em catadupas, os factos ocorridos no dia 19 de Junho de 1955, em Figueiró dos Vinhos, essa risinha vila, de tão gloriosas tradições cristãs e de tanta polí-cromia natural.

Mas a história da nossa terra há-de fazer-se, um dia, com os documentos que lhe legarmos, pelo que vamos tentar passar um relance pelos factos memoráveis desse dia.

A recepção ao Senhor Arcebispo

Já há muito que o Figueiró crente desejava a vinda do seu Chefe Espiritual, o seu Bispo, querido de todos. E por isso quando se espalhou a alegre nova da sua vinda, houve um entusiasmo sempre crescente para que a Sua Ex.ª Rev.ª se fizesse uma condigna recepção.

Eram 9 horas quando Sua Ex.ª chegou ao limite do con-

celho e espectáculo notável o de 35 carros de toda a gente da freguesia, aguardando o Prelado da nossa diocese.

O Rev.º Pároco e Arcipreste fez a apresentação das pessoas presentes e em seguida organizou-se o cortejo para a Vila.

Mas que esplendorosa a re-

(Continua na 4.ª página)

O que é a Residência Paroquial e o custo da Obra

O que é

Tem duas partes distintas: A *Habitação*, composta de 6 quartos, casa de banho, cozinha, sala de jantar, sala de visitas, escritório, dispensa e sótão;

A *parte Paroquial*, com um salão de 81 metros quadrados, que se destina a festas paroquiais, a cinema, a catequese, a conferências, etc., uma sala para ensinar costura, uma sala para a biblioteca paroquial e outra para reuniões.

AGRADECIMENTO

O Pároco e Arcipreste da freguesia vem publicamente agradecer a todos os paroquianos a forma como têm colaborado nas obras da Residência e como receberam o seu Arcebispo, a quando da inauguração da mesma. Não pode deixar de englobar no seu agradecer os encarregados da obra e em especial o esforço do Senhor Horácio dos Santos Oliveira, dos operários especializados e serventes que não se pouparam a esforços, fazendo da obra, a sua Obra.

Agradecer ainda o entusiasmo e boa vontade da Comissão da Inauguração, e de modo especial às Ex.ªs Senhoras da Comissão do almoço — Donas Amélia Agria, Assunção Agria, Maria Leonarda Lacerda Morgado e

Irene Godinho — que não se pouparam a esforços para que tudo decorresse com ordem e brilho e a todas as Senhoras e meninas que com elas colaboraram.

A todos, pobres e ricos, sem excepção, nem distinção, que deram o seu esforço para que obra tão ingente se efectuasse — mesmo àqueles que, não sendo paroquianos, amam a sua terra, *esta linda terra*, (sobretudo os que dela andam afastados ou nela estão apenas de passagem) — um sincero, real e merecido agradecimento.

Ao Ex.º e Rev.º Senhor Arcebispo Bispo Conde um sentido preito de agradecimento do padre, do filho espiritual, daquele que sentidamente lhe baíja o anel.

Oferta generosa

Registamos a oferta amiga de 500\$00 para a Residência Paroquial, do nosso amigo, o distinto oftalmologista, Dr. Fernando Lacerda, a quem agradecemos reconhecidamente e desejamos as maiores felicidades.

Livro Comemorativo da Inauguração da Residência Paroquial

Deve-se ao Amigo, Dr. Paula Santos, a iniciativa desse esboço de história da paróquia e em especial da Residência Paroquial. Após o retrato e biografia do Senhor Arcebispo, dum esboço da história do Arciprestado de Figueiró dos Vinhos e da paróquia, descreve o autor, o esforço da obra gigantesca da Residência e fala em seguida do realizador da obra.

Obra que é uma memória e que agradecemos sinceramente.

Quem quiser adquiri-la pode dirigir-se à Sacristia pois, Sua Ex.ª, generosamente oferece o produto líquido da sua venda para a Residência Paroquial.

No próximo número vamos iniciar a publicação da novela missionária: «O Bandido».



VIDA RELIGIOSA

Festa do Corpo de Deus

O programa que demos, no último número do nosso jornal, cumpriu-se integralmente.

Foi, de facto, uma festa intimamente eucarística. Com as crianças — perto de 400 — abeiraram-se da sagrada mesa da comunhão 562 pessoas, número de certo consolador. O almoço e pequeno almoço, servido por gentis meninas da Vila decorreram num ambiente alegre e elevado.

Após a Missa solene foi feita a Exposição do S. Sacramento até à hora da Procissão, tendo sempre ficado muito povo em adoração.

A Procissão foi das mais imponentes que se têm realizado. Ao Pálio pegaram os Legionários que já haviam dado brilho com a sua presença marcial à Santa Missa e a quem agradecemos publicamente a comparência.

No fim da Procissão, as crianças da 1.ª e 2.ª Comunhão foram oferecer a Nossa Senhora os seus raminhos de flores e as da Comunhão Solene renovaram as promessas do baptismo.

Festa cheia de brilho, de amor, de beleza, festa das crianças, das almas puras e belas.

Festas no mês de Julho

Dia 3 — Festa em honra de S. Pedro — na Ribeira de S. Pedro, com Missa Solene e Sermão às 12 h. e Procissão e terço às 17 h.

Dia 10 — Festa de Santo António — no lugar dos Bairrados, com Missa Solene e Sermão às 12 h. e Procissão e terço às 16 h.

Esprecimento

Moral desenfastiada

Não toda, mas muita culpa têm os pais nas faltas de dignidade entre jovens e donzelas, por altura dos noivados. Educação forte e austera muitos males evitaria.

São dois rapazes que se encontram. Um traz a face direita inchada.

— *Que é isso, homem? — Doem-te os dentes?*

— *Não, — é outra coisa: — Olha, atrevi-me a ir pedir a mão da minha noiva, e afinal foi a mão do pai dela que me caiu na minha cara.*

Quantas vezes nas suas próprias tolices, os mentecabtos dão lições aos ajuizados. Devemos procurar pensamentos de resignação, pois não é sempre nem em tudo que se sofre.

Um doido bate a intervalos com um martelo na cabeça. Outro aproxima-se e diz:

— *Olha lá! quando dás com o martelo na cabeça deve doer-te, não é verdade?*

— *Pois sim, mas também quando deixo de bater, sinto um grande alívio.*

Dois pesos e duas medidas: não é sincero nem honesto. Quem roubar nos pesos, Deus achará um dia que ele pesa de menos.

— *Ó filho, dizia a esposa aflita, tens que me mandar à consulta médica e pedir uma dieta para emagrecer... Olha que peso 90 quilos.*

— *Onde te pesaste, mulher?*

— *Foi na tua balança do armazém.*

— *Então fica descansada: só pesas 75 quilos.*

Custa tanto às vezes pedir. Pobres dos pobres envergonhados. Mas é preciso encontrar a fórmula... e que ela seja mais feliz do que esta que vamos contar.

Certo cicerone, depois de ter mostrado pacientemente o Museu a um visitante, nota que ele vai a sair sem lhe dar a consabida gorgeta. Dirige-se então desta maneira:

— *V. Ex.ª queira desculpar, mas se porventura der conta que perdeu o portamoedas, saiba que não foi aqui, porque V. Ex.ª ainda não puxou por ele.*

(Esta piada chamar-se-á directa ou indirecta?)

Final: — Alguém comentava diante de D. Francisco de Portugal, Conde de Vimioso, que certo homem que fora néscio e mal comportado, vivera muito. O fidalgo respondeu:

— *Discordo, meus senhores, dessa maneira de falar: parece-me que se devia dizer: durou muito e não, viveu muito.*

CONTO DO MÊS

Vamos contar hoje um famoso apólogo. Certa raposa cheia de fome, farejava presa, quando ouviu, pelo lusco-fusco, o cantar estríduo de um galo, empoleirado no muro de um pátio.

Aproximou-se e começou de dizer-lhe cozinhas doces, lá na sua linguagem.

— *Ó galo, tu muito bem cantas. Deveras que dá gosto ouvir-te. Raro tenho escutado voz galinácea que tanto me agrade. Só o teu pai — mal empregado — esse sim que cantava num tom ainda mais vibrante e mais timbrado do que tu.*

— *Mais do que eu? — diz o galo todo emproado.*

— *Sim. — Não digo isto para te rebaixar, porque tu és actualmente o campeão incontestável dos galos, mas, a verdade seja dita: teu pai cantava melhor.*

— *E não me poderás dizer porque é que ele cantava melhor?*

— *Digo-te, sim, meu amigo: é que teu pai, quando cantava, fechava muito bem os olhos... e os da tua raça quanto melhor fecham os olhos, mais forte e melodiosamente cantam.*

— *Pois isso também eu sou capaz de fazer.*

E o galo, dizendo isto, fecha com força os olhos e desata num prolongado cô-cô-rô-cô.

Era o que a zorra matreira queria, — e saltando-lhe ao gasganete, abafou-lhe nas goelas os requieiros da cantiga.

Assim acontece aos papalvos que dão ouvidos a lisonjas astutas dos maus companheiros viciados. Deixam-se adular pelo espírito do mundo, fecham os olhos aos conselhos dos pais, superiores e confesores e aos ditames da própria consciência e deixam-se papar pelo mundo traiçoeiro.

PORTUGAL VAI REZAR...

(Continuado da 4.ª página)

de fazer bem aos homens para maior glória de Deus. Precisamos de invocá-lo e por sua intercessão recorrer a Deus. Muitos são os que o fazem, há muitos anos, e de dia para dia vai aumentando o número dos que recorrem ao Venerável e não tem sido em vão, pois milhares de graças se têm obtido de Deus por seu intermédio.

Depende de nós conseguirmos de Deus o seu triunfo e consagração que a Igreja e a Pátria lhe querem tributar. Sabemos que Deus assim o exige, pois quer ser rogado e como que forçado por nós portugueses para nos conceder essa graça.

Porque não intensificar esta campanha e dar-lhe novo incremento, sobretudo de 7 a 15 de Julho, aniversário da sua morte?

Dos estrangeiros muitos conhecem a sua vida, exaltam a sua ciência, celebram suas virtudes, lêem suas obras e sentem pena de verificarem que a Pátria que ele tanto honrou e tão bem serviu não faça mais pelo triunfo da sua causa.

Que no próximo mês de Julho, de 7 a 15, em todas as igrejas paroquiais e não paroquiais, em todas as capelas, mesmo as mais humildes e mais modestas, em todas as comunidades religiosas, na intimidade dos lares ou no íntimo das almas, se faça a novena, aprovada e abençoada pelo Venerando Episcopado Português.

Há doentinhos que precisam da sua cura ou da resignação cristã na enfermidade. Recorram ao Venerável Bartolomeu dos Mártires.

Há almas atribuladas pelo sofrimento, há-as que suspiram pela ajuda do céu nas suas dificuldades, há pais, mães, jovens, almas de todas as condições que precisam da bênção de Deus para a sua vida corporal ou espiritual, para os numerosos problemas, seus ou de suas famílias — invoquem a intercessão deste Venerável que, à semelhança do que fez no mundo onde passou, como o Divino Mestre, a fazer o bem, quer, pois Deus igualmente o quer, lá do céu, continuar a sua obra bemfazeja de «Pai dos Pobres» e «Arcebispo Santo» para que o Senhor seja mais louvado e amado dos homens.

Para isso todo o Portugal vai rezar. Não faltes tu com a tua oração.

CATECISMO



XXXIII LIÇÃO

O Santo Sacrifício da Missa

Para melhor compreender o que é a Missa, reflecti sobre o que se segue:

Quem está sobre a Cruz?

Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Em que estado está Jesus na Cruz?

Como uma vítima. O sangue corre do seu corpo.

Que faz Jesus sobre a cruz?

Oferece-se a seu Pai dizendo: «Vós sois o Soberano Senhor de todas as coisas». Agradeço-vos tudo o que fazeis pelos homens.

Perdoai-lhes os seus peccados. Dai-lhes as vossas graças.

Sobre a Cruz, Jesus era visível.

Sobre a Cruz o Sacrifício era sangrento.

Jesus sofreu e morreu.

O Sacerdote diz:

«Isto é o meu Corpo, isto é o meu Sangue». Quem está no altar? Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Em que estado está no Altar?

Como uma vítima. O precioso Sangue no cálice, o Corpo de Cristo na hóstia representam a separação do Corpo e do Sangue de Jesus como sobre o Calvário.

Que faz Jesus no altar?

Oferece-se a seu Pai pelas mãos do sacerdote e lá ainda

ele diz a seu Pai que Ele é o Soberano Senhor.

O mesmo faz na Missa.

Sobre o altar Jesus está invisível.

Não está sangrento. Já não pode sofrer, nem morrer.

Mas é a mesma vítima, a mesma oração de Jesus.

LIÇÃO

1 — Que é a Missa?

É o sacrifício no qual Jesus Cristo se oferece a Deus, seu Pai, como vítima por nós, pelo ministério dos sacerdotes.

NOTA — Um sacrifício é uma oferta ou imolação dum vítima feita a Deus para reconhecer que Ele é o Soberano Senhor de todas as coisas.

2 — Porque é que Jesus Cristo instituiu o sacrifício da Missa?

Instituiu para lembrar e continuar todos os dias o sacrifício da Cruz.

3 — Como continua o sacrifício da Missa o sacrifício da Cruz?

Porque o sacerdote e a vítima são os mesmos: Jesus Cristo realmente presente, oferecendo-se em expiação pelos nossos peccados.

4 — A quem é oferecido o sacrifício da Missa?

A Deus somente porque é um acto de adoração.

5 — Porque é que o sacrifício da Missa é oferecido a Deus?

Para O adorar, lhe agradecer, pedir-lhe perdão e para obter graças.

6 — Por quem oferece o sacerdote o sacrifício da Missa?

Pelos vivos e pelos defuntos, e em particular pelos que pediram a celebração da Missa.

7 — Qual é a melhor maneira de assistir ao santo sacrifício da Missa?

É seguir as orações do

sacerdote, com os mesmos sentimentos que teríamos ao pé da Cruz.

Liturgia

As partes importantes da Missa são: O Ofertório — em que se oferece a Deus o pão e o vinho; a Consagração — em que o Pão e o Vinho se transformam no Corpo e Sangue de Jesus; e a Comunhão — em que nos unimos a Jesus.

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Sr. José Guerreiro Machado — 50\$00; D. Cândida Martins do Carmo — 10\$00; José Valeiras Portela, Maria Celeste Portela e Anibal de Jesus Martinho — Campelo — 7\$50; Alvaro Simões Domingos — Porto Douro — 10\$00; Alvaro Loja da Conceição — 50\$00; Joaquim Leitão e Manuel Rosa Arinto — 20\$00.

A todos muito obrigado.

Tristezas para quê?

Tristezas não pagam dívidas...



O gerente escutou-o um pouco e respondeu-lhe: — O seu anúncio estava mal redigido, porque nunca se gratifica um ladrão! Era assim que deveria ter sido...

E deu-lhe este anúncio, que o velho mandou publicar no dia seguinte: «Uma pessoa, cujo nome é bastante conhecido, foi vista, no domingo passado, na igreja X enquanto se apoderava de um chapéu novo, de seda preta, que não era seu. Se essa pessoa quiser salvar a sua reputação e evitar as consequências de uma denúncia, venha trazer o guarda-chuva à Rua X... n.º 21».

No dia seguinte, pouco depois de o jornal ter sido distribuído, encontrou-se na sala de visitas 12 chapéus de chuva pretos, de seda, completamente novos.

NO TRIBUNAL

No tribunal discute-se uma questão causada por umas divergências acerca da propriedade dum poço. Os advogados sustentam as razões dos seus clientes com tal veemência que o juiz tem de intervir, fazendo notar que a questão não merece tanta importância.

— Na verdade — diz ele — trata-se só de uma pouca de água.

— É verdade, senhor Dr. Juiz — responde um dos advogados — mas é bom saber que os contendentes são negociantes de vinho!

CHAPÉU QUE DESAPARECE E TRAZ MAES DOZE

Um velho esqueceu numa igreja um guarda-chuva de seda que comprara 3 dias antes. Cheio de confiança nos avisos dos jornais, mandou publicar um, prometendo uma boa gratificação a quem lho viesse trazer. Mas passaram alguns dias e ainda não tinha recebido nada. Foi então desfiar lamúrias à direcção do jornal, chorando, com o guarda-chuva também o dinheiro do anúncio.

MANEIRA DE ARRANJAR DINHEIRO

Ana: Não sei, minha amiga, como consegue que o seu marido lhe dê tanto dinheiro! Será capaz de mo indicar?

Maria: É muito fácil. De vez em quando armo uma questão e disponho-me a ir para casa da minha mãe! E o meu querido marido dá-me logo o dinheiro para a viagem! E como daqui à minha terra são 200\$00 de comboio...

A inauguração da Residência Paroquial

(Continuado da 1.ª página)

cepção feita ao Senhor Arcebispo no risonho lugar de Aldeia de Ana de Aviz, revestido das suas cores naturais e pelo arranjo de mãos delicadas! As crianças deitavam flores, e todos iam beijando o anel de Sua Ex.^a Rev.^{ma} que se apeou do seu carro para corresponder à carinhosa manifestação da população.

E quanto se torna indiscreto a chegada à sala de visitas do concelho, a Vila!

Eram arcos festivos, disti-



O Senhor Arcebispo é recebido nos Paços do Concelho pelo Sr. Presidente da Câmara

cos a saudar, flores, qual chuva de perfumes, a pregarem-se aos cabelos e a perfumar o ambiente; eram a música, os foguetes a estralejar, um número incontável de gente, um entusiasmo indiscreto desde o Barreiro à Câmara onde ia ser feita a recepção oficial.

Um grupo de meninas, que mais pareciam anjos, nos seus vestidos brancos, iam deitando flores ao Senhor D. Ernesto Sena de Oliveira, que ia subindo as escadas da Câmara Municipal, todas cobertas de verdura e pétalas alfombradas.

As boas vindas dadas pelo Senhor Dr. Joaquim Alves Morgado, ilustre Presidente da Câmara, num discurso úbere de verdades actuais, focando a acção da Igreja no ataque ao materialismo organizado dos tempos presentes, ficaram a atestar bem quanto de elevação houve na sessão efectuada em honra de Sua Ex.^a Rev.^{ma}, que, no final, agradeceu o carinho, o modo fidalgo, como fora recebido, analisando em seguida o bem alicerçado discurso do Senhor Presidente da Câmara e disse palavras sobre os problemas candentes dos tempos presentes.

Após breve discurso dirigiu-se o Rev.^o Arcebispo para

a Igreja Matriz, onde foi recebido pelo Pároco com o habitual cerimoniário.

E o Pároco subiu então ao púlpito, para em nome de toda a paróquia, apresentar os cumprimentos de boas-vindas ao seu Prelado, mostrando o regozijo de todos pela sua vinda a uma paróquia de tão antigas, de tão cristãs tradições, terra de fé e de elevada beleza natural.

Ao Evangelho, o Senhor Arcebispo falou aos figueirense nos seus deveres de crentes, no amor cristão que todos devem exercitar.

Terminada a Santa Missa, celebrada por Sua Ex.^a Rev.^{ma}, acolitado pelo seu Secretário, Sr. P.^o Manuel Cardoso de Carvalho, tendo servido às lavandas os Senhores Presidente da Câmara e o Presidente da União Nacional, Dr. Delegado do Procurador da República e o Vice-Presidente da Câmara, e Sub-Delegado de Saúde e o Secretário da Câmara, organizou-se o cortejo em direcção à Residência Paroquial.

A inauguração

Um luzido cortejo se dirigiu para a Residência Paroquial para se proceder à sua bênção e inauguração.

A guarda de honra ao Senhor Arcebispo foi feita pela Legião Portuguesa, que já a havia feito à entrada da Câmara e durante a Santa Missa.

As ruas até à residência foram engalanadas a primor e o chão atapetado de verdura, pendendo das janelas colchas de cores variadas e lançando-se sobre o Senhor Arcebispo flores, durante todo o percurso.

A Sãozita entregou, numa salva de prata, a tesoura para



Sua Ex.^a Rev.^{ma} falando ao povo, da varanda da Casa Paroquial

que o Venerando Prelado cortasse a fita amarela e branca — cores da Santa Sé. Os foguetes estralejaram, a música juntou os seus acordes à alegria geral.

Procedeu-se, em seguida, à visita e bênção do edifício e o Senhor Arcebispo dignou-se dirigir algumas palavras ao povo que em número imenso enchia por completo as ruas de acesso à Casa Paroquial.

Almoço

Logo a seguir foi servido um almoço, no Salão Paroquial, a 70 pessoas, que decorreu numa atmosfera de elevação, tendo usado da palavra alguns oradores.

Em primeiro lugar falou o Senhor Dr. Paula Santos, em nome da Comissão, para agradecer a vinda do Senhor Arcebispo a quem ofereceu uma memória da realização da obra.

Usou da palavra, em seguida, o Senhor Dr. Luís Quaresma Ferreira, em nome da paróquia, para agradecer ao Senhor Arcebispo e para exaltar o esforço do Pároco na realização da obra, em conjugação com os paroquianos.

O Pároco falou para agradecer a todos o seu esforço e para testemunhar ao seu Prelado os sinceros agradecimentos por ter vindo.

O Senhor Presidente da

Câmara mais uma vez agradeceu a vinda tão cativante do Senhor D. Ernesto que, levantando-se, a todos agradeceu e felicitou, dirigindo palavras de elogio, pela obra realizada, ao Pároco da freguesia.

Bênção duma camioneta

Em seguida o Senhor Arcebispo Bispo Conde, a pedido da firma Barreiros procedeu, na garagem daquela firma importante, à bênção de uma camioneta de 45 lugares e disse algumas palavras sobre o significado dessa bênção.

Passeio à Bouça e Cabril

O Senhor Arcebispo dirigiu-se, em seguida, à barragem da Bouça — acompanhado por numerosos carros e 3 camionetas, gratuitamente cedidas pela firma Barreiros —, cujas obras observou minuciosamente, tendo o Senhor Engenheiro Burnay explicado todo o funcionamento técnico da construção da mesma.

Sua Ex.^a Rev.^{ma} dirigiu-se depois à Barragem do Cabril e eram 20 horas quando se dirigiu a Coimbra, tendo deixado em todos os corações uma saudade bem íntima.

Durante o passeio do Senhor Arcebispo, foi servida a todo o povo uma merenda, constando de 94 borreas, 450 papos secos, 1.500 carapaus, azeitonas e 25 almudes de vinho.

PORTUGAL VAI REZAR...

«Tudo é possível ao que crê — diz o Evangelho — e tudo é possível ao que ora», diz ainda a Sagrada Escritura. A oração é sempre eficaz quando se apoia na fé e nela se pede a Deus alguma coisa que redunde em sua maior glória e nosso bem.

Como nos anos anteriores, também neste de 1955 se vai rezar por uma causa sagrada, que dá glória a Deus e à Pátria e virá contribuir para nosso maior bem. É no dia 7 de Julho que vai começar a novena para pedir ao céu os milagres necessários para a Beatificação do Venerável Bartolomeu dos Mártires a quem os seus contemporâneos chamaram «Pai dos Pobres», «Arcebispo Santo e Bom Pastor», que se submeteu a todas as canseiras pelo bem estar material e sobretudo espiritual dos milhares de almas que formavam o seu rebanho da Arquidiocese

de Braga. É uma causa nacional. O seu triunfo será um triunfo nacional, porque o triunfo dum santo é o triunfo da sua nação, como é o triunfo do próprio céu.

Alguma coisa se tem feito, mas resta ainda muito por fazer. O processo da sua Beatificação só se terminará quando a nossa oração atingir o auge e forçar, com a sua fé e a sua confiança, o Coração de Deus a dar-nos os milagres que levem o Vigário de Cristo a proclamá-lo Bem-aventurado entre os bem-aventurados e Santo entre os santos.

Como Cristo, ele passou no mundo a fazer o bem às almas e aos corpos. A história da sua vida dá-nos inequívocas provas disso e em Braga sentiram os efeitos salutares da sua acção de Bispo, Bom Pastor e Santo. E lá do Céu o seu desejo continua a ser o

(Continua na 2.ª pá.g)